SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

16/10/2015 - Instituto Telecom

TCU faz auditoria na Anatel para avaliar qualidade do serviço móvel no Brasil

TCU faz auditoria na Anatel para avaliar qualidade do serviço móvel no Brasil

Está em andamento uma auditoria operacional do Tribunal de Contas da União (TCU) para avaliar a atuação da Anatel na garantia e melhoria da qualidade da prestação dos serviços de telefonia móvel no Brasil. Esse trabalho, ainda em fase de planejamento, servirá para atender a solicitação da Comissão do Meio Ambiente, do Consumidor e Fiscalização e Controle (CMA) do Senado, que queria uma auditoria direta nas operadoras. O ministro Bruno Dantas, em seu parecer, ressaltou que o órgão não tem competência jurídica para atuar diretamente nas empresas, mesmo aquelas delegatárias de serviços públicos, "mas sim examinar se o poder concedente está fiscalizando de forma adequada a execução dos contratos celebrados".

Dantas adianta que a auditoria na Anatel abordará aspectos suficientes para atender integralmente ao solicitado pela CMA. Segundo o ministro, além de avaliar as diversas atividades realizadas pela Anatel na regulamentação, controle e fiscalização da prestação de serviço de telefonia móvel pelas operadoras atuantes no Brasil, também será feito o monitoramento de deliberações ainda não integralmente implementadas ou cumpridas, que foram dirigidas à agência nos diversos acórdãos que tratam da qualidade na telefonia na última década.

O prazo de conclusão do trabalho está previsto para março de 2016, tendo em vista, de acordo com alegações do ministro-relator, a abrangência e complexidade da auditoria em andamento. Dantas prevê o encerramento da fase final de relatório para dezembro deste ano. A expectativa do ministro é de que o levantamento "seja um indutor para que a agência reguladora contribua de forma mais eficiente, eficaz e efetiva para a melhoria da qualidade desses serviços".

Anatel descarta novo leilão de satélites para breve

A Anatel tem procurado ampliar a capacidade satelital nacional, buscado novas posições orbitais na coordenação internacional junto à UIT e assegurado espectro para serviços de satélite no Brasil, peças importantes para a expansão dos mais variados serviços de telecom e radiodifusão no País. Um novo leilão de posições orbitais brasileiras, contudo, não está no horizonte da agência. A declaração foi feita pelo conselheiro Rodrigo Zerbone durante o painel de abertura do último dia do Congresso Latino-Americano de Satélites nesta sexta, 16, no Rio de Janeiro. "Das posições vendidas nos últimos três leilões (2011, 2014 e 2015), ainda há nove satélites para serem lançados.

O momento é de esperar, aguardar o mercado evoluir e os satélites entrarem de fato em operação. Vamos fazer uma avaliação de qual seria o melhor momento para uma nova empreitada nesse sentido, mas no curto prazo não teremos tão cedo uma licitação de satélites", explica o conselheiro. Obviamente, se o panorama mudar no curto prazo e novas posições orbitais se fizerem necessárias, pondera Zerbone, a Anatel tomará providências.

Sobras

A área técnica da Anatel recomentou que a frequência de 3,5 GHz que seria licitada no leilão de sobras prometido para novembro fosse excluída do certame por conta da possibilidade de interferência com o serviço de TV por satélite na banda C. A questão está agora nas mãos do conselheiro Zerbone, relator da matéria no Conselho Diretor da Anatel. Zerbone não adiantou seu voto, mas deixou claro que embora a decisão de não licitar a faixa para proteger a banda C do satélite pese muito, existe ainda uma análise dentro do contexto de política pública do governo para massificar a banda larga com os pequenos provedores de Internet (ISPs). A retirada da frequência de 3,5 GHz do leilão reduz as opções de acesso a espectro licenciado pelos pequenos provedores.

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

16/10/2015 - Carta Maior

SUS faz mais e melhor com menos recursos que a saúde privada

Para 'atender' 25% da população, o setor privado gasta 52,5% de todos os recursos gastos com saúde no país, enquanto SUS atende 83% das pessoas.

Nova pesquisa DataFolha indica (publicada na Folha de São Paulo do dia 13 deste mês), mais uma vez, a péssima avaliação da saúde no país. Mas há aspectos importantes dessa pesquisa que, ao apresentar e analisar os dados, o jornal Folha de São Paulo faz contorcionismos para ocultar. Por exemplo, que a saúde privada é pior avaliada que o SUS. Vejamos.

Lendo os dados divulgados notamos que seis em cada dez brasileiros (ou seja, 60%), acham a saúde péssima. Quando só se avalia apenas o SUS, o numero cai para 54% de péssimo.

Quando se avalia a "saúde em geral", 24% dá nota zero; quando se avalia apenas o SUS, 18% dá nota erro.

A matéria evita comentar (mas pode ser lido nos dados que disponibiliza) que 2% dá nota 10 para a "saúde em geral" e 3% dá nota 10 quando se avalia só o SUS.

E a diferença mais notável: 11% dá nota maior que 7 para a "saúde em geral" e 18% dá nota maior que 7 para o SUS.

Conclusão óbvia, cuidadosamente evitada pela Folha na análise dos resultados: a saúde privada puxa significativamente a avaliação da "saúde em geral" para baixo!

Mas, excetuando o esclarecimento no primeiro parágrafo de que o levantamento envolve a rede pública e privada, no resto da matéria a expressão "saúde privada" nem é mencionada. A comparação é sempre entre a "saúde em geral" e o SUS. Afinal, o objetivo é sempre o mesmo: associar a "péssima avaliação da saúde" ao nome SUS e evitar, a todo custo, de associá-la ao setor privado, mesmo quando é ele que mais contribui para a má avaliação da saúde no país.

Se fosse um jornalismo sério e honesto, lembraria ainda o quanto o setor privado gasta para prestar um mal atendimento a 25% da população (parcela aproximada da população brasileira que tem plano de saúde privado e que gasta 52,5% de todos os recursos gastos com saúde no país, segundo dados recentes da Organização Mundial de Saúde; ou ainda, cerca de R$ 2.200 per capita) e o quanto o setor público tem de recursos para dar atendimento a 83% da população (percentual que referiu ter utilizado o SUS segundo dados deste levantamento do DataFolha) e garantir a saúde coletiva através de medidas que beneficiam indistintamente toda a população (vacinas, vigilância epidemiológica etc.) e, mesmo assim, conseguir ser melhor avaliado (47,5% do total de recursos gastos com saúde no país ou aproximadamente R$ 1.000 per capita).

Outro fato que se pode deduzir dos dados, e que também não é destacado pela Folha, é que se 25% têm plano de saúde e 83% utilizaram o SUS, então o SUS acaba sendo utilizado por muita gente que tem plano de saúde. E aí, se fosse um jornalismo sério e honesto, ela também faria questão de destacar o conhecido calote que os planos de saúde aplicam no SUS, referente aos atendimentos de urgência e emergência, ao tratamento de câncer, transplantes, hemodiálise, entre outros, que os planos negam cobertura e o SUS acaba assumindo (apenas 25% dos valores devidos são ressarcidos ao Sistema Único de Saúde, dessa parte 20% se perde com recursos da justiça, tramitação, prescrição etc.).

Explicitar esses dados reais daria ainda maior dramaticidade à melhor avaliação do SUS comparada à avaliação geral da saúde no país. E nesse caso, a chamada mais justa para matéria seria: "SUS faz mais e melhor com menos recursos que a saúde privada".

Mas, aparentemente, este jornalismo não é sério nem honesto. Ele não pode ser quando tem compromissos claros com os setores que fazem da saúde um lucrativo ramo de negócios e não um bem público e um direito universal.

Ricardo Rodrigues Teixeira é médico e professor do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da USP

16/10/2015 - Instituto Telecom

TIM anuncia contrato de R$ 30 mi com fornecedora de redes

Em reunião realizada na tarde desta sexta-feira, 16, o conselho de administração da TIM aprovou a contratação da fornecedora de equipamentos de telecomunicações Italtel Brasil. O acordo foi no valor de R$ 29,766 milhões e prevê também a prestação de serviços para a operação móvel da tele, a subsidiária TIM Celular.

Vale ressaltar que a contratada é uma filial de a italiana Italtel, que é especializada em redes integradas IP e tem entre seus principais produtos o fornecimento de tecnologias de redes definidas por software (SDN) e de virtualização de funções de rede (NFV), dois projetos nos quais a TIM já demonstrara intenção de investimento para modernização da infraestrutura.

Além da aprovação do contrato com a fornecedora, o conselho da operadora aprovaram ainda a 2ª outorga do plano de incentivo de longo prazo da companhia, já outorgada em 2014. Trata-se de um plano para estabelecer opções de compra ou subscrição de ações de emissão da TIM a diretores e colaboradores da empresa. A intenção seria de "estimular a expansão, o êxito e a consecução dos objetivos sociais da companhia e alinhar os interesses dos diretores e colaboradores da companhia com os interesses de seus acionistas".

SINTTEL·ES
Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo
FENATTEL CUT Brasil
Resumo de Notícias
Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

18/10/2015 - Carta Maior

As 10 notícias mais censuradas em 2014-2015

Estas são as primeiras dez notícias mais censuradas pela grande imprensa dos Estados Unidos, que na prática molda a (des)informação mundial.

O 1% mais rico possui metade da riqueza mundial, o fracking envenena as águas subterrâneas, 89% das vítimas paquistanesas assassinadas por drones norte-americanos nem sequer eram identificáveis como militantes islâmicos, aumentam os países que agora seguem o exemplo da Bolívia na luta pelo direito humano à água, aprofunda-se o desastre nuclear em Fukushima, cientistas opinam que o excesso de metano ameaça o Ártico e a muito curto prazo põe em risco a vida no planeta (20 anos) pelo aumento de 5 a 6 graus do aquecimento global, o medo da espionagem do governo "esfria" a liberdade de expressão dos escritores de todo mundo, a polícia dos EUA mata mais que qualquer outra do planeta… e com demasiada frequência, óbvio: os pobres recebem menos cobertura dos media que os seus donos multimilionários e, por último, a Costa Rica avança na energia renovável hidráulica… desde que não haja seca. (...)

1.- O 1% mais rico possui metade da riqueza mundial

Em 2016, o 1% da população mundial possuirá mais riqueza que os 99% restantes, segundo um relatório difundido em janeiro 2015 pela Oxfam, uma organização internacional sem fins lucrativos que tem como objetivo combater a pobreza. Para o estudo da Oxfam a desigualdade extrema não é inevitável, mas nos factos é o resultado de decisões políticas e económicas estabelecidas e mantidas pela elite global do poder, os indivíduos ricos cuja poderosa influência mantém o status quo manipulado a seu favor. A proporção da riqueza mundial que pertence ao 1 por cento aumentou de 44% em 2009 para 48% em 2014 e prevê-se que atinja os 50% em 2016.

2.- O fracking envenena as águas subterrâneas

Os aquíferos da Califórnia foram contaminados ilegalmente com cerca de 11 milhões de litros de águas residuais envenenadas desde que foram utilizadas no processo chamado fracking, ou fratura hidráulica do subsolo para extrair petróleo e gás, segundo documentos do Estado da Califórnia difundidos em finais de 2014 pelo Centro para a Diversidade Biológica. Segundo esta fonte, a fuga de contaminantes produziu-se em pelo menos nove poços utilizados pela indústria petrolífera para eliminar resíduos de águas contaminadas, prática que provavelmente se repete noutras latitudes onde também é utilizada a fratura hidráulica para extrair petróleo e gás.

3.- 89% das vítimas paquistanesas de drones dos EUA nem sequer são apontadas como militantes islâmicos

Desde que Barack Obama assumiu a presidência em 2009, calcula-se que os EUA provocaram a morte de 2.464 pessoas em bombardeamentos com aviões não tripulados enviados fora do que Washington declarou como "zonas de guerra". O número foi divulgado em fevereiro de 2015 por Jack Serle e pela equipa do Gabinete de Jornalismo de Investigação, que mantém uma base de dados com todos os ataques conhecidos - baseando-se em trabalho de campo, relatórios dos media e fuga de documentos - que proporcionam uma imagem mais clara da escala e do impacto do programa de aviões não tripulados dos EUA, em comparação com a informação episódica proporcionada pelos grandes media corporativos de informação.

4.- Muitos países seguem agora o exemplo da Bolívia na luta pelo direito à água

No 15º aniversário dos protestos de Cochabamba, a resistência popular ao controle da água pelas grandes transnacionais continua a expandir-se em todo o mundo, abarcando a remunicipalização dos serviços públicos de água privatizados, a ação direta contra bloqueios injustos à água e à recolha de águas pluviais, enquanto o acesso ao vital elemento se entroniza como direito humano fundamental.

Leia mais em:
http://goo.gl/cH4Vld

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

18/10/2015 - Vermelho

Empresas do Brasil fecham US$ 1,4 bilhão em negócios na Alemanha

Empresários brasileiros fecharam US$ 1,408 bilhão em negócios durante os cinco dias da Anuga, feira internacional de alimentos e bebidas realizada a cada dois anos na cidade de Colônia, Alemanha. Do total, cerca de US$ 200 milhões correspondem a negócios fechados no ato e o restante refere-se a contratos que serão confirmados ao longo dos próximos 12 meses.

Os números foram divulgados pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex). A Apex informou ainda que a maior parte do montante total está vinculado a negócios envolvendo carne. Segundo André Favero, diretor de negócios da agência, de 84 empresas que representaram o Brasil na Anuga, cerca de 30 são do setor de carne bovina, suína e de frango: "Esse setor, sozinho, representou mais da metade do volume total, pois tem a característica de que, geralmente, os contratos são feitos em grande quantidade".

De acordo com Favero, o total em negócios, em 2015, supera em 28% o volume atingido na edição anterior da feira de alimentos, em 2013. O diretor de negócios da Apex informa que, apesar de as carnes terem sido o maior destaque, produtos típicos brasileiros e alimentos naturais também tiveram boa procura nesta edição, realizada entre 10 e 14 de outubro.

Segundo Fávero, "Produtos étnicos, como açaí, pão de queijo, castanha do Pará e, ainda, leite de castanha, alimentos sem glúten ou lactose são vertentes com as quais o Brasil tem dialogado muito bem. O feedback das empresas brasileiras é que houve grande interesse nessas duas linhas", afirma. A Apex contabilizou ainda os novos contatos feitos pelas empresas brasileiras.

De acordo com levantamento da agência, o número de contatos durante o evento ficou em 10,7 mil, 20% maior do que o registrado na última participação na Anuga. "Esses contatos foram registrados porque houve algum tipo de demanda, pedido de informação adicional. As visitas [à feira] foram mais de 150 mil. Pelo menos 10% desse volume passou pelos estandes brasileiros e demonstrou interesse específico em algum produto", explica André Favero.

De acordo com o diretor da Apex, a Anuga é a feira mais importante entre as do setor, pois "está no calendário das principais feiras do mundo e, em termos de geração de negócios, é a maior. Também é muito importante na formação de tendências. Todas as grandes redes mundiais de restaurantes, supermercados e hoteleiras estão lá".

O diretor da Apex comentou ainda o fenômeno de queda de preços das commodities (produtos básicos com cotação internacional), que afeta as exportações de alimentos. Segundo ele, a carne, produto mais negociado na feira alemã, não foi atingida.

"No setor de carnes, o embargo da Rússia à União Europeia tem influenciado positivamente o Brasil, ajudando a manter o valor em um patamar um pouco mais alto", diz Favero. No caso de outros produtos, segundo ele, as quantidades vendidas têm ajudado a contrabalançar a queda de preços, a exemplo do que ocorre com a balança comercial brasileira, já que "o patamar do dólar também estimula as empresas a exportarem".

SINTTEL·ES

Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Telecomunicações e Operadoras de Mesas Telefônicas no Estado do Espírito Santo

FENATTEL CUT Brasil

Resumo de Notícias

Produção: T&T Comunicação | Jornalistas: Tânia Trento e Marilda Rocha | Tel. (27) 3084-5666 - 99647-7731

18/10/2015 - Altamiro Borges

A terceirização e a fábrica de amputados

Privatizadas pelo PSDB na década de 1990, as empresas de energia elétrica brasileiras passaram a contratar trabalhadores terceirizados para executar seus serviços e os deixaram literalmente à mercê da intempérie. Sem plano de saúde e praticamente nenhum treinamento, estes trabalhadores fazem de tudo: cavam buracos, sobem em postes de luz, carregam cabos… Todos os anos centenas de terceirizados são vítimas de choques de alta voltagem; a maioria morre ou tem membros amputados –não há números precisos porque a fiscalização é falha.

Segundo o estudo Terceirização e Desenvolvimento: Uma Conta que Não Fecha, feito pela CUT (Central Única do Trabalhador) em parceria com o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), as empresas terceirizadas são, por natureza, precárias em termos de condições de trabalho, porque assumem os riscos sem ter condições econômicas e tecnológicas para gerenciá-los. "As terceirizadas abrigam as populações mais vulneráveis do mercado: mulheres, negros, jovens, migrantes e imigrantes. Esse 'abrigo' não tem caráter social, mas é justamente porque esses trabalhadores se encontram em situação mais desfavorável e, por falta de opção, submetem-se a esse emprego", diz o dossiê. "A terceirização está diretamente relacionada com a precarização do trabalho."

A remuneração dos terceirizados é 24,7% menor do que a dos trabalhadores contratados mesmo com uma jornada de três horas a mais por semana, sem considerar as horas extras. "Se a jornada dos trabalhadores em setores tipicamente terceirizados fosse igual à jornada de trabalho daqueles contratados diretamente, seriam criadas 882.959 vagas de trabalho a mais." A rotatividade é alta: enquanto a permanência no emprego é de 5,8 anos para os trabalhadores diretos, para os terceirizados a média é de 2,7 anos.

As jornadas maiores e o ritmo de trabalho exaustivo, combinados à falta de qualificação profissional, funcionam como um coquetel explosivo quando se trata do setor elétrico. As estatísticas demonstram que os óbitos são três vezes mais frequentes entre os terceirizados do que entre o pessoal contratado, sendo que, no setor elétrico, o índice de acidentes é 5,5 vezes maior que em outros setores. O motivo, em geral, é alguma precariedade, como falta de equipamentos de proteção e treinamento. 62% das mortes foram ocasionadas por choque.

Em 2012, o TST (Tribunal Superior do Trabalho) manifestou sua preocupação com a mortalidade entre os terceirizados do setor elétrico com base nos números do ano anterior: em 2011, das 79 mortes registradas no setor elétrico, 61 foram de trabalhadores de empresas terceirizadas. Uma reportagem no site do tribunal contou a história do trabalhador terceirizado E.Q., de Linhares (ES), que, em consequência de um choque de 13 mil volts, perdeu todo o braço direito, teve o braço e a mão esquerdos inutilizados, perdeu um testículo e ainda teve queimaduras por todo o corpo, inclusive no pênis.

O documentário Dublê de Eletricista, produzido pelo Sindieletro, de Minas Gerais, traz o depoimento de um destes trabalhadores acidentados, Lúcio Nery de Souza, e mostra como as empresas terceirizadas simplesmente colocam os contratados para subir nos postes de energia sem qualquer tipo de treinamento. "Eu comecei a subir (em postes) desde a primeira semana. Não tinha nenhum treinamento", diz Lúcio. O trabalhador conta que fez o exame admissional em um dia e no outro já viajou a serviço.

Em abril, o Ministério Público do Trabalho também divulgou um mini-documentário sobre a terceirização do trabalho e os amputados do setor elétrico. Segundo o MPT, 8 de cada 10 acidentes de trabalho registrados no País são de trabalhadores terceirizados.

Leia mais em:
http://altamiroborges.blogspot.com.br/2015/10/a-terceirizacao-e-fabrica-de-amputados.html